

A recepção de Deleuze nos EUA: Paulo Domenech Oneto entrevista Ronald Bogue

Respostas de Ronald Bogue*

Perguntas e tradução de Paulo Domenech Oneto**

– *Caro Bogue, eu gostaria de começar perguntando de que modo você primeiro entrou em contato com o pensamento de Gilles Deleuze e qual era o foco principal de seus estudos quando isto se deu.*

RONALD BOGUE – Foi em grande parte por acaso que comecei a trabalhar seriamente sobre a obra de Deleuze e Guattari. A partir de meados dos anos 1960, o que era então conhecido como “French theory” havia se tornado proeminente nos programas de Humanidades dos EUA, e em 1977 eu tive a oportunidade de frequentar um departamento de teoria e crítica no curso de verão da *University of California Irvine* onde Edward Said e Stanley Fish trabalhavam. O seminário de Fish foi especialmente importante para mim. Em apenas seis semanas ele traçou os problemas da formalização fundadora da gramática transformacional em sua relação com estilística, teoria da recepção, teoria dos atos de fala, etnometodologia, formalismo russo, estruturalismo e pós-estruturalismo. Minha formação como pós-graduando havia sido em literatura europeia do século XVIII e muito daquilo era novo para mim. Fiquei fascinado pelos textos que lemos – tanto assim que decidi mudar minha orientação de pesquisa e me concentrar em teoria crítica. Então, de 1977 em diante comecei a estudar por conta própria o pensamento francês de Barthes, Lacan, Serge Leclaire, Laplanche e Pontalis, Françoise Dolto, Hélène Cixous, Luce Irigaray, Gérard Genette, Louis Althusser e seus alunos (Balibar, Rancière e Macherey), Jean-François Lyotard, Jean Baudrillard, Foucault, Julia Kristeva e outros. Durante este período me interessava cada vez mais o modo como o pensamento francês conectava de maneira nova Marx e Freud. Em 1982

* Ronald Bogue (1948-) é professor emérito de Literatura Comparada pela *University of Georgia* (EUA) e autor dos seguintes livros sobre a obra de Gilles Deleuze (com ou sem Félix Guattari): *Deleuze and Guattari* (London and New York: Routledge, 1989), *Deleuze on Cinema* (New York: Routledge, 2003), *Deleuze on Literature* (New York: Routledge, 2003), *Deleuze on Music, Painting and the Arts* (New York: Routledge, 2003), *Deleuze's Wake: Tributes and Tributaries* (Albany: SUNY Press, 2004), *Deleuze's Way: Essays in Transverse Ethics and Aesthetics* (Aldershot, Hampshire, England: Ashgate, 2007), *Deleuzian Fabulation and the Scars of History* (Edinburgh: Edinburgh University Press, 2010).

** Doutor em Filosofia, iniciado na University of Georgia e concluído na Université de Nice. Professor da Escola de Comunicação da UFRJ

enfim, me preparei para pedir uma bolsa de estudos a fim de escrever um livro sobre a presença de Marx e Freud nas obras de Lyotard, Baudrillard, Kristeva e, então, também, Deleuze e Guattari. Quando escrevi o projeto, eu já havia lido tudo de Lyotard e Baudrillard e bastante coisa de autoria de Kristeva, mas Deleuze e Guattari surgiram como uma novidade sugerida a mim, mas eu apenas conhecia *O Anti-Édipo* na época. Por sorte a bolsa não foi concedida, pois acho que o projeto todo estava mal concebido. Mas um dos professores que escreveram carta de apoio ao meu projeto – Leonard Tennenhouse, que é atualmente chefe do departamento de Inglês da *Duke University* – foi contatado por Christopher Norris anos depois, em 1985. Norris era editor geral de uma série de livros intitulada “Critics of the Twentieth Century.” Ele perguntou a Tennenhouse se este conhecia alguém que pudesse escrever sobre Deleuze e Guattari. Tennenhouse indicou meu nome e Norris me convidou a enviar uma proposta de livro. Foi o que fiz. E o esboço foi aceito.

Eu não tinha ideia do quão difícil seria a tarefa, mas após dois anos de trabalho febril eu consegui concluir o manuscrito no tamanho requisitado. Como era um volume da série “Critics of the Twentieth Century,” incluí capítulos sobre Proust, Sacher-Masoch e Kafka, mas achei que a análise literária de Deleuze com ou sem Guattari não fazia sentido sem uma contextualização do pensamento deles. Por isso os capítulos sobre literatura são enquadrados por capítulos de filosofia. As limitações de espaço impostas pela editora tornaram um engajamento mais sério com o *corpus* completo da obra dos dois filósofos impossível, e me limitei a *Nietzsche e a filosofia, Diferença e repetição, Lógica do sentido, O Anti-Édipo e Mil platôs*.

Ao longo do projeto fiquei cada vez mais ciente do puro acaso e sorte (ou seria destino?) daquele encontro. Pois passei a enxergar Deleuze como o mais importante filósofo francês de sua geração, e Guattari como o mais criativo e profético teórico da cultura dos últimos 50 anos – juízo que mantenho até hoje. Mais importante ainda: Deleuze e Guattari colocaram questões que ressoavam com minhas próprias inquietações e abriram caminhos de orientação para mim. Devo acrescentar que na minha reeducação pós-doutoral tive que consultar inúmeras fontes secundárias e comentários, sempre na esperança de que passagens que me pareciam obscuras e densas fizessem sentido. Muitos destes comentários pareciam pular as partes difíceis. Decidi então tornar esta uma regra nas minhas leituras futuras de Deleuze e Guattari: focar nas passagens mais complicadas para torná-las tão claras quanto possível.

– Seu primeiro livro sobre Deleuze e Guattari é de 1988/1989, certo? Foi através dele que entrei em contato com você. Pergunto-me se você chegou a ter contato com outros leitores norte-americanos de Deleuze, como Brian Massumi, na ocasião.

RONALD BOGUE – Meu primeiro livro saiu em 1989, mas o manuscrito foi concluído em 1987. Quando empreendi o projeto em 1985, havia muito pouco de Deleuze e Guattari disponível em inglês. Além de alguns poucos artigos espalhados em revistas, havia a edição especial da revista *Semiotext(e)* sobre *O Anti-Édipo*, lançada em 1977 – que consistia quase que inteiramente em traduções de artigos franceses sobre o livro – e uma publicação da revista *SubStance* sobre Deleuze, editada por Charles Stivale, que havia saído em 1984. Eu havia tido contato com Stivale e ele era, então, o único estudioso realmente sério de Deleuze de que eu tinha notícia. (Creio que ele merece um crédito especial como um dos principais expoentes nos estudos sobre Deleuze no mundo de língua inglesa até hoje). Aquele número duplo de *SubStance* também me colocou em contato com o trabalho de Paul Patton, que continua sendo um dos meus guias na compreensão do pensamento político de Deleuze e Guattari.

Meu livro foi o primeiro em inglês sobre Deleuze e Guattari. Foi seguido por *A User's Guide to Capitalism and Schizophrenia* de Brian Massumi, já em 1992, e por *Gilles Deleuze: An Apprenticeship in Philosophy*, de Michael Hardt, em 1993. Acho que foi quando você chegou pela primeira vez nos EUA, certo? Você só conhecia meu livro. Chegamos a comentar o livro de Hardt pouco depois. Massumi, é claro, veio a produzir excelentes estudos sob a marca de Deleuze, enquanto Hardt seguiu outra linha, com seus trabalhos em colaboração com Toni Negri. Na época, em 1991, um pequeno colóquio ocorreu em Oxford, e um maior na *Trent University*, Canadá, em 1992. Em Oxford conheci Constantin Boundas, que depois organizou as conferências de Trent. Ele havia concluído sua tese de PhD sobre Deleuze em 1984 e estava trabalhando sobre o filósofo havia muito mais tempo do que eu. Fiquei impressionado com o conhecimento meticuloso que ele possuía da obra deleuzeana e sigo admirando suas análises, extremamente sofisticadas. O colóquio que ele organizou foi um grande acontecimento para o desenvolvimento dos estudos sobre Deleuze em língua inglesa. Foi ali que pude entrar em contato com vários pesquisadores da filosofia deleuzeana pela primeira vez. Boundas viria a organizar várias outras conferências importantes,

inclusive a que ocorreu agora no mês de abril, na Grécia. Em suma, quando comecei a ler e estudar Deleuze foi basicamente por minha própria conta. Apenas nos anos 1990 entrei em contato com outros interessados e pesquisadores de Deleuze.

– *Em sua opinião, como foi a recepção geral da filosofia deleuzeana como “filosofia da diferença” nos EUA, levando em consideração que as obras de Foucault e Derrida já eram importantes dentro do cenário intelectual norte-americano?*

RONALD BOGUE – Em 1989, Derrida e Foucault eram provavelmente os dois filósofos franceses mais discutidos nos EUA. A recepção deles nos departamentos de filosofia era, todavia, muito limitada porque a maior parte dos departamentos de filosofia norte-americanos era (e ainda permanece) dominada pela tradição analítica anglo-americana. A desconstrução derridiana havia se tornado um modo dominante de análise de textos em vários departamentos de literatura, especialmente em literatura comparada e francesa. Foucault também havia sido acolhido em departamentos de literatura, mas seu trabalho em *Vigiar e Punir* e com o volume I da *História da Sexualidade* o projetaram com bastante força no meio das ciências sociais. Na conclusão do meu primeiro livro, procurei situar Deleuze e Guattari em relação a Derrida e Foucault, apontando para o ponto comum da diferença, mas argumentando que a eminentemente textual *différance* de Derrida diverge da diferença de caráter metafísico em *Diferença e repetição*. Nesta obra Deleuze deixa claro que a diferença não pode ser apenas na língua ou mesmo um princípio semiótico, mas uma diferença que opera em toda parte – formações sociais, arte, biologia, física e assim por diante (“O mundo é um ovo” como ele afirma tão prontamente). Também argumentei que o movimento de Foucault vai além das formações discursivas de obras como *História da loucura na idade clássica* e *As Palavras e as coisas* para formas não-discursivas de poder em *Vigiar e Punir* e *História da Sexualidade*, colocando-o muito mais próximo de Deleuze e Guattari do que de Derrida. O *Foucault* de Deleuze certamente tornou explícitas as afinidades entre os dois.

Quanto à recepção de Deleuze e de Deleuze-Guattari nos EUA, os dois foram ficando cada vez mais influentes em diversos campos, mas eu diria que Derrida e Foucault ainda se mantêm as presenças mais marcantes nas universidades norte-americanas. Desde muito cedo, Derrida conseguiu fornecer um método de análise – a

chamada “desconstrução” – para os críticos literários, algo que os permitia “obter resultados”. Com isso, as leituras desconstrutivistas se proliferaram como cogumelos e continuam a florescer em vários âmbitos. Em contrapartida, Deleuze não oferecia uma metodologia acabada para a exegese de textos, nem mesmo para conduzir algum tipo de analítica “deleuzeana” pronta para usar. Foucault também ofereceu instrumentos para a análise política e social – principalmente em termos de micropolítica e biopolítica – que puderam ser aplicados a um amplo espectro de campos e implantados dentro de abordagens em torno de temas já estabelecidos. Da mesma maneira como em Derrida, uma metodologia clara emergiu permitindo aos pesquisadores “fazer análises foucaultianas”.

De qualquer modo, o interesse por Deleuze e Guattari tem crescido na última década – em filosofia e literatura, claro, mas também em domínios como geografia, educação, arquitetura, arte, estudos culturais. Infelizmente, como você bem sabe (sei que é algo que te incomoda), este interesse que vem se expandindo vem acompanhado por apropriações conceituais que simplificam e distorcem o que Deleuze e Guattari procuraram articular de forma precisa e cuidadosa. Vários estudos de “literatura menor”, por exemplo, têm aparecido, mas os autores apresentam a minoridade literária simplesmente como uma literatura escrita por minorias. E algumas pessoas falam atualmente de “teoria rizomática” e de “teoria dos agenciamentos” como se fossem metodologias discretas, e em ambos os casos o que se quer dizer com “rizoma” e “agenciamento” é apenas “rede” ou (pior ainda) um “novo sistema”. Tais simplificações são, sem dúvida, inevitáveis para qualquer pensamento que está em expansão e vai sendo apropriado, mas vejo este fenômeno como um sintoma da dificuldade fundamental posta pelo pensamento de Deleuze e Guattari. Apropriar-se de um conceito qualquer dos autores em questão requer uma compreensão meticulosa da obra deles em conjunto ou pelo menos das premissas centrais do empreendimento. Na minha visão das coisas, Deleuze e Guattari, tanto na parte assinada em comum quanto em suas obras individuais articulam uma filosofia que resiste a qualquer subsunção a outros discursos teóricos da contemporaneidade. Consequentemente, não existe caminho fácil para chegar ao pensamento de Deleuze e/ou Guattari, nenhum meio de acesso que não seja o de pegar os pedaços do *corpus* produzido e tentar compreendê-lo dentro da terminologia própria por eles criada. E os termos deleuzo-guattarianos são idiossincráticos e abundantes, pois os dois pensadores são incorrigíveis criadores de neologismos, sempre

empilhando definições e redefinições, com cada estranho conceito sendo definido por outros estranhos conceitos.

– *Você já tem sete livros publicados sobre Deleuze, com ou sem Guattari, certo? Qual o seu último trabalho sobre ou a partir deles? Você tem trabalhado em coisas novas se valendo da filosofia deleuzeana apenas como enquadramento? Lembro que, da última vez em que estivemos juntos em Athens, Georgia (2010), você me falava de um estudo sobre “caosmopolitismo” a partir de Deleuze...*

RONALD BOGUE – Sim, já são sete livros. Depois que terminei meu livro de 1989, eu estava bem ciente de quanto eu ainda tinha a aprender com e sobre Deleuze e Guattari e o quanto eu havia deixado de lado naquele trabalho. Pensei que talvez eu pudesse contribuir com os estudos sobre Deleuze considerando sua abordagem acerca das artes, pois eu era um professor de literatura, tinha uma formação em teoria musical e tinha familiaridade com cinema e teoria do cinema. Olhando para os escritos de Deleuze eu via que suas obras se direcionavam para quatro domínios principais – literatura, cinema, pintura e música – e decidi escrever um livro sobre Deleuze e estas quatro artes. Meu objetivo era atingir teóricos e artistas, de tal modo que minhas observações pudessem ser rigorosas a ponto de satisfazer as preocupações de especialistas naquelas artes, mas mantendo a análise acessível o bastante para uma compreensão da motivação fundamental de Deleuze. E, claro, eu esperava fazer isso sem simplificar a filosofia estética deleuzeana. Trabalhei por doze anos no livro, eventualmente produzindo um manuscrito de 850 páginas que cheguei a te enviar por email nos anos 1999-2000. Quando submeti o texto para a Routledge, o meu editor, como você deve imaginar, ficou bastante apreensivo com a ideia de publicar algo daquele tamanho e sugeriu que eu dividisse em três volumes. Assim, em 2003, a editora lançou *Deleuze on Literature*, *Deleuze on Cinema* e *Deleuze on Music, Painting, and the Arts*. Enquanto eu trabalhava neste imenso projeto, também escrevia artigos sobre outros tópicos, e em 2004 publiquei uma coleção de ensaios intitulada *Deleuze’s Wake: Tributes and Tributaries*. Entre os temas deste último livro, procurei examinar o estilo de Deleuze, a literatura menor, a concepção de sujeito no livro *Foucault*, o “death metal” e mesmo algo de teologia. Outro livro de ensaios foi lançado em 2007 com o título *Deleuze’s Way: Essays in Transversal Ethics and Aesthetics*, com textos sobre ética da imanência,

morte, rock “doom” e “black metal”, educação, nomadismo e fabulação. Minha exploração do conceito deleuzeano de fabulação me estimulou a ir além e o resultado final foi *Deleuzian Fabulation: The Scars of History*, que saiu em 2010. Apesar de eu escrever sobre Deleuze e literatura com frequência, nunca havia tentado conduzir análises extensivas de obras literárias de uma perspectiva deleuzeana, então, no livro, procurei articular uma teoria da narrativa como fabulação e oferecer leituras de cinco romances dentro dessa estrutura: *The Heart of Redness*, do escritor sul-africano Zakes Mda, *The God of Small Things*, do indiano Arundhati Roy, *Amulet* de Roberto Bolaño, *So Vast the Prison*, do argelino Assia Djebar e *Gould's Book of Fish*, do tasmaniano Richard Flanagan. Desde então, publiquei alguns artigos sobre Deleuze e a literatura: o *Sexta-feira* de Michel Tournier, o *Doutor Fausto* de Thomas Mann, a relação entre Kleist e Kafka etc. Também trabalhei em torno de questões de pedagogia, tecnologia, animais. É no último ensaio que trato do conceito de “caosmopolitismo” de que te falei. É algo que continuo a estudar. Meu esforço consistia em retornar às raízes do cosmopolitismo de cínicos e estoicos e formular uma versão dessas escolas de pensamento que seja adequada à nossa atual compreensão do cosmos como um conjunto de sistemas dissipativos, metastáveis, emergentes e não-lineares, distantes do equilíbrio – o que Deleuze e Guattari chamam de “caosmos”, isto é, um universo que não é nem puramente caótico nem puramente estável, mas sempre em processo de mudar suas configurações. O conceito de cosmopolitismo é frequentemente tratado no sentido estrito de uma doutrina sobre a cidadania e o modo de governar o mundo, mas se olharmos para os cínicos e os estoicos, veremos que a noção de ser cidadão do cosmos formava a base de suas filosofias em sua totalidade. Os cínicos ensinavam que devemos viver de acordo com a natureza e ser cidadão do cosmos nesse sentido: tratando animais, plantas e humanos – homens e mulheres, gregos ou não gregos – como co-habitantes do planeta. Para tanto, argumentaram sobre a necessidade de rejeitar a *polis* que existia então, que viam como contrária à natureza, esta sendo um processo de existência biológica a ser aceito humildemente. Os estoicos também acreditavam que devemos viver de acordo com a natureza, mas igualavam o cosmos com a razão e a lei (e, infelizmente, em minha opinião, romperam com os cínicos por estes unirem humanos e outros seres quando o reino da política deveria ser, para os estoicos, unicamente humano). Mas se colocarmos cínicos e estoicos juntos e combinarmos elementos das duas escolas, então podemos encontrar um cosmopolitismo mais amplo,

“caosmopolítico”, implicando ecologia, etologia, ética, estética, pedagogia e política. É claro que muito do que eu tinha em mente neste “caosmopolitismo” segue em linha com as três ecologias de Guattari e o paradigma ético-estético que ele propõe em *Caosmose* e nos ensaios recentemente publicados postumamente em *Que’est-ce que l’écophilosophie?*.

Junto a este projeto, tenho trabalhado no que denomino *The Nature of Literature*. O caosmopolitismo concebe os humanos como entidades biológicas envolvidas e se desenvolvendo, como agenciamentos ecológicos. Nesse sentido, a literatura me parece poder ser pensada também como um modo específico de desenvolvimento cósmico dos humanos. Penso então na literatura como “desenvolvimento ou desdobramento de modos linguísticos de vida”.

– Você também me dizia em nossa última conversa que estava lendo novos comentadores de Deleuze. E mencionou uma viagem que faria ao Brasil, ainda em 2010, para um evento sobre Deleuze na Unicamp, no estado de São Paulo. E sei que você acabou efetivamente fazendo a viagem porque estive lá três anos depois, em 2013, e me contaram de sua visita e conferência sobre fabulação a partir de Guimarães Rosa. Que comentadores você estima serem os mais importantes para sua pesquisa em Deleuze e Guattari? Como foi sua experiência com os estudiosos de Deleuze em Campinas?

RONALD BOGUE – Sempre tento me atualizar acerca dos estudos sobre Deleuze e Deleuze-Guattari. Hoje em dia há em torno de 300 livros sobre o pensamento deles em inglês, e provavelmente muitos outros, em francês, espanhol, português, chinês, japonês e coreano, no mínimo. Impossível se manter muito atualizado sobre toda essa vasta produção. Sempre gostei do trabalho de Dan Smith e Paul Patton, dois dos mais claros comentadores de Deleuze. A abordagem de John Protevi me parece bem próxima da minha, e acho excelentes as fontes que ele coloca na *webpage* que mantém. Acho impressionante e útil o livro recente de Brian Massumi intitulado *What Animals Teach Us About Politics*, que me auxiliou bastante para o esclarecimento de algumas ideias fundamentais na formulação do conceito de caosmopolitismo e no meu projeto sobre a natureza da literatura. Mas tenho dedicado a maior parte do tempo à leitura de Raymond Ruyer e Gilbert Simondon, além de pensadores e teóricos que trabalham um pouco fora

da órbita de Deleuze-Guattari, como Isabelle Stengers, Donna Haraway, Bernard Stiegler e Bruno Latour.

Quanto à minha visita à Campinas, foi uma experiência maravilhosa. Davina Marques, uma estudante da Unicamp, havia assistido a uma apresentação minha sobre fabulação em Deleuze e organizou com professores da faculdade de Educação uma edição do colóquio Conexões sobre fabulação, me convidando para uma conferência. Eu já sabia, inclusive por seu intermédio, que Deleuze era muito importante no Brasil. E apenas confirmei com a ida ao colóquio. Como você sabe, não falo português, então pude apenas absorver vagamente o que estava ocorrendo (muito embora Davina sentasse sempre ao meu lado, sussurrando rápidas traduções em inglês das diversas apresentações em curso). Gostei muito de Campinas e São Paulo (não tive tempo para viajar mais para nenhuma cidade). Todas as pessoas me receberam amistosa e entusiasticamente, perdendo meu desconhecimento da língua.

Quando concordei em falar no colóquio Conexões da Unicamp, pensei que devia estabelecer uma relação entre o conceito de fabulação e um autor brasileiro. Amigos brasileiros como você me diziam há anos que eu deveria ler *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. E, de fato, quando li, fiquei muito impressionado. Trata-se, sem sombra de dúvida, de um dos grandes romances do século XX. Também descobri que cabia muito bem para uma análise do devir-mulher de Deleuze. Tecer comentários sobre o romance era, contudo, um problema, pois eu não conheço a língua portuguesa. Mas procurei trabalhar com as traduções inglesa e francesa cotejando com o original, e acho que consegui alcançar algumas sutilezas do texto e evitar erros baseados em distorções (que eram numerosas em inglês, com a omissão de parágrafos e frases, enquanto a tradução francesa me pareceu muito mais rigorosa e fiel ao original).

– *Soube que você esteve recentemente (2013) em Lisboa para uma série de conferências sobre a noção de ritornelo, conforme presente no livro Mil platôs de Deleuze-Guattari. Como foi a experiência e como você pôde perceber a recepção de Deleuze em Portugal?*

RONALD BOGUE – Lisboa hospedou a “Sexta Conferência Internacional Anual de Estudos sobre Deleuze”, uma série de conferências patrocinadas pela revista *Deleuze Studies*. A cada ano, a conferência é precedida por cursos de uma semana, ludicamente

chamados de “Deleuze Camp”, nos quais cinco ou seis pesquisadores dão três ou quatro palestras para 40 ou 50 alunos ali presentes. Foi neste enquadramento que ministrei três palestras sobre “Território e ritornelo musical”, dedicando uma palestra para o conceito geral de território, outra para Messiaen e o canto dos pássaros e uma terceira e quarta para as *Cinco peças para piano em homenagem a David Tudor* de Sylvano Bussotti (a partitura da peça aparece reproduzida na página de abertura do primeiro “platô” de *Mil platôs*). Na minha conferência propriamente dita falei sobre o território de outra perspectiva – da perspectiva do que chamo de “corporate movement” ou do movimento sincronizado dos corpos na dança, ritual e guerra como meios de criação de um *esprit de corps* – argumentando que este movimento coordenado era um componente maquínico subdeterminado que podia ser subsumido em termos de territorialização e desterritorialização.

Creio que o evento foi um sucesso. O local onde ficávamos (o “camp”) era a “Fábrica de Braço de Prada”, uma instituição lisboeta extraordinária. O edifício é uma imensa estrutura que certa vez abrigou os escritórios administrativos de uma grande fábrica de munições. Todos os prédios estão atualmente abandonados, mas a parte administrativa se tornou um centro para arte, música, dança e intercâmbio cultural. Há quarto ou cinco concertos por noite, duas ou três exposições, espetáculos de dança, palestras, bar, livraria – realmente um centro vibrante de atividade cultural. Para você ter uma ideia da coisa, veja os nomes das salas da “Fábrica”: Esplanada Espinosa, Sala Kafka, Sala Nietzsche, Sala Deleuze, Sala José Saramago, Sala Prado Coelho.

A Fábrica é dirigida por Nuno Nabais, uma pessoa maravilhosa e um grande filósofo, com muito interesse por Deleuze. A filha dele, Caterina Pombo Nabais, foi a organizadora do colóquio e é uma importante pesquisadora de Deleuze. O livro dela – *Gilles Deleuze: philosophie et littérature* – é, em minha opinião, um dos melhores livros escritos sobre Deleuze e a literatura. Conversando com eles durante os dez dias de estada por lá, tive uma clara noção de quão potente e acurado é o conhecimento sobre Deleuze em Portugal.

– Lembro ainda que você costumava cantar e tocar piano em eventos, além de ser um grande apaixonado por música. Você diria que os conceitos de Deleuze e Guattari envolvidos na discussão sobre o ritornelo e a compreensão que eles têm da obra de

Olivier Messiaen, John Cage e outros, ajudaram a mudar a sua visão sobre como devemos escutar e perceber música em geral?

RONALD BOGUE – O mais importante aspecto da abordagem de Deleuze e Guattari sobre a música é, creio, a conexão que ali se reestabelece entre música e cosmos. Digo “reestabelece” porque há uma longa tradição ocidental, de Pitágoras até pelo menos a Idade Média e o Renascimento, marcando esta correspondência entre música humana e música do cosmos — *musica mundana* e *musica speculativa*. A teoria musical no século XX geralmente rejeita tais hipóteses, abordando a música como um sistema fechado em si mesmo, sem clara relação com nada além de si mesma. (Felizmente tem havido uma reação contra este verdadeiro sequestro da música do mundo que a cerca em abordagens mais recentes). O que o conceito de ritornelo fornece é um meio de integrar a música humana com a música animal e com padrões gerais e motivos de interação biológica, de maneira que podemos falar em “rizomusicosmologia”.

Entretanto, para mim pessoalmente, a música tem sido essencial inclusive como um meio para alcançar intuitivamente alguns aspectos do pensamento de Deleuze e Guattari. Embora eu tenha passado minha vida profissional estudando literatura, a música permanece sendo a arte que mais me comove. Creio ser capaz de captar conceitualmente noções complexas como a de Corpo sem Órgãos, plano de consistência e heciedade, mas a “verdade” desses conceitos, a realidade experiencial dessas intensidades afetivas e a-pessoais, estão manifestas na música para mim – ou, pelo menos, naqueles raros momentos em que uma peça musical “me atropela” com sua força ou pureza de construção, numa Passacaglia de Bach ou num quarteto de Messiaen. Nestes momentos fico convencido de que Deleuze e Guattari falam de algo que não é apenas coerente e inteligível, mas verdadeiro em relação à minha experiência de mundo.

– Tem havido alguma controvérsia em torno da questão sobre a importância de Félix Guattari na evolução do pensamento de Deleuze. Alguns comentadores tendem a minimizar o papel de Guattari. Outros se contentam em afirmar uma diferença entre os livros escritos por Deleuze sozinho e aqueles escritos em parceria com Guattari. Você vê alguma diferença importante? Como você enxerga a relação entre os livros assinados apenas por Deleuze e aqueles assinados em parceria?

RONALD BOGUE – Guattari foi um pensador incrivelmente inventivo e perspicaz, cuja obra ainda está para ser devidamente apreciada. Seus últimos escritos – *As Três Ecologias*, *Caosmose* e *Qu'est-ce que l'écophilosophie* – são especialmente úteis neste século XXI, em que questões como globalização, mudança climática, ecologia, mídias novas e as depredações do que Guattari denomina Capital Mundial Integrado nos aproximam da catástrofe planetária. É claro que Guattari é um parceiro igual a Deleuze em seus livros escritos em parceria, como o próprio Deleuze dizia e como vemos nos esboços d'*O Anti-Édipo* publicados postumamente.

Os interesses de Guattari são bastante amplos, suas inovações conceituais poderosas e todos esses interesses e inovações ele levou para seu trabalho em colaboração com Deleuze. Mas talvez sua maior contribuição para o trabalho conjunto tenha sido a dimensão política de seu pensamento que ele desenvolveu por meio de ativismo social concreto. Quando as pessoas falam que *O Anti-Édipo* e *Mil platôs* parecem impraticáveis e irresponsáveis em termos políticos, digo-lhes para assistir às entrevistas de Guattari, nas quais você o vê trabalhando direta e praticamente com todas as espécies de grupos. Vocês brasileiros estão bem cientes deste aspecto da carreira de Guattari, que está bem representado no livro em coautoria com Suely Rolnik, *Micropolítica: cartografias do desejo*, e que, se não estou enganado, apareceu primeiro em português no ano de 1986, mas só ficou disponível em inglês em 2008 (com o título *Molecular Revolution in Brazil*). É evidente para mim que, sem a base do dia-a-dia dos movimentos locais de libertação, trazida por Guattari, a colaboração Deleuze-Guattari teria perdido sua força e urgência.

Claro que há diferenças entre os trabalhos solo de Deleuze e aqueles de Deleuze-Guattari. Assim como os trabalhos de Guattari diferem dos que ele fez com Deleuze. Mas isto não torna nenhuma das obras menos valiosas. Em suas obras em colaboração, eles criaram algo que não poderia ter sido produzido sozinho por um deles apenas – e este é o ponto de uma colaboração genuína. E deste ponto de vista não vejo nenhum outro exemplo de semelhante invenção conceitual e estilística na história da filosofia. O pensamento e o estilo dos livros assinados Deleuze-Guattari são inseparáveis e *sui generis* – uma realização realmente extraordinária. Na realidade, por mais que eu goste dos livros de Deleuze e os de Guattari, para mim o maior de todos permanece sendo um que eles fizeram juntos: *Mil platôs*.

– Gostaria de terminar fazendo a mesma pergunta que você certa vez me propôs, por ocasião de meu exame de qualificação para o PhD em Literatura Comparada, uma década atrás: como a abordagem que Deleuze faz da literatura introduz uma nova perspectiva nos estudos tradicionais de crítica e teoria literária?

RONALD BOGUE – Posso pensar em pelo menos quatro modos pelos quais Deleuze e Deleuze-Guattari ajudam a introduzir novos olhares sobre a literatura.

Primeiro ponto: Deleuze sempre adota uma posição nietzschiana com relação às artes, ignorando a questão da recepção da obra de arte e focando na questão da criação. Seu interesse reside no artista e nos conceitos e práticas implícitos no trabalho em questão. Assim, quando Deleuze olha para uma obra literária, ele não fornece um modo de leitura, como faz a maior parte dos críticos literários, mas sim busca articular filosoficamente os pressupostos que constituem a obra do escritor, as práticas linguísticas manifestas no texto e os amplos efeitos que a máquina literária acaba por produzir na realidade. A tentativa de Deleuze é de infiltrar a obra daquilo que seria a perspectiva do autor e captá-la como uma forma de ação, uma intervenção no campo coletivo de formações de poder, discursivas e não-discursivas. Trata-se de um tipo de crítica literária diferente de todas que conheço.

Segundo: Deleuze fornece ferramentas para uma compreensão nova da narrativa. No meu último livro, procurei desenvolver as implicações do pensamento de Deleuze sobre o estudo da narrativa, argumentando que o conceito de “fabulação” poderia ser usado como guia e dividido em cinco componentes: devir-outro, experimentação sobre o real, “recontação” (“*legending*”), invenção de um povo por vir e desterritorialização da língua. Espero que minhas análises dos romances de Mda, Roy, Bolaño, Djebbar e Flanagan tenham servido para mostrar a utilidade do conceito de fabulação como alternativa para uma compreensão da narrativa e de sua relação com a história.

Terceiro: Deleuze e Guattari articulam uma concepção de linguagem como ato que me parece particularmente útil. No quarto “platô”, “Postulados da linguística” – creio que você deve lembrar bem –, eles argumentam que a linguística é uma subdivisão da pragmática e que a teoria dos atos de fala deve ser estendida a fim de incluir toda linguagem como ação incorporada e inseparável do campo de forças sociopolítico. É esta concepção de linguagem que nos permite conectar a linguagem ao mundo de modo direto e apresentar a literatura como experimentação do real. Para mim, esta abordagem

da literatura evita, tanto a aridez das análises formalistas quanto a crítica política programática e doutrinária.

Finalmente, em *Mil platôs*, especialmente no terceiro “platô” (“A Geologia da Moral”) e no de número onze também (“Sobre o ritornelo”), Deleuze e Guattari situam a linguagem e as artes dentro do cosmos como numa totalidade. No primeiro “platô” mencionado eles tratam o estrato “aloplástico” da cultura humana, marcado pela emergência da linguagem, como uma parte de um continuum que inclui o estrato não-orgânico das formações geológicas e o estrato orgânico das entidades biológicas. E no “platô” do ritornelo, conectam diversos tipos de ritornelo que atuam através do mundo orgânico e não-orgânico. E, no seu sentido expandido, creio que sugerem que a literatura também é parte desse desenvolvimento ou desdobramento de ritornelos. Este sentido da literatura como um produto de modos humanos de vida enredados em processos naturais dos quais participamos é o que quero continuar buscando no meu livro *The Nature of Literature*.

Como você pode notar, este meu último projeto é totalmente inspirado em Deleuze e Guattari.

– *Muito obrigado pelas respostas e pela disponibilidade para a entrevista.*

RONALD BOGUE – Foi um prazer. Fico lisonjeado que você tenha pensado no meu nome para esta entrevista.